

RORY POWER



RAPARIGAS
SELVAGENS

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Armas

Automutilação

Epidemia

Fome

Ideação suicida
e suicídio

Morte

Sangue

Violência explícita
e gore

Para a minha mãe,
para mim
e para as versões de nós
que nunca acreditaram
que chegaríamos aqui
juntas.

*Todas as coisas avessas,
originais,
excedentárias,
estranhas.*

Gerard Manley Hopkins, *Pied Beauty*

HETTY





Alguma coisa. Longe, no vasto horizonte. Entre as árvores, movendo-se onde o mato se concentra. Vejo-a do telhado, perceptível na forma como a vegetação rasteira se curva à sua volta enquanto ondula ao ritmo do oceano.

A julgar pelo tamanho, terá de ser um coioote: um dos grandes, daqueles que nos dão pelo ombro, com dentes que encaixam como facas na palma da minha mão. Sei porque encontrei um, uma vez, entalado na cerca. Trouxe-o comigo e escondi-o debaixo da cama.

Mais um movimento através dos arbustos e volta a parar. Do outro lado do telhado, a Byatt baixa a arma e encosta-a ao parapeito. A estrada está desimpedida.

Mesmo assim, mantenho a minha arma erguida, por precaução, aproximando o olho esquerdo da mira. O meu outro olho está morto, cegou num dos últimos surtos. Só me restam as pálpebras fundidas uma na outra, ao mesmo tempo que sinto alguma coisa totalmente desconhecida a crescer por baixo delas.



É assim com todas nós, aqui. Somos doentes, estranhas e não sabemos porquê, com coisas a irromper subitamente de dentro de nós, pedaços em falta e peças pendentes. Depois, endurecemos e alisamos.

Pela mira, com o sol do meio-dia envolvendo o mundo, vejo a floresta que se estende até ao fim da ilha, com o oceano mais além. Os pinheiros formam um aglomerado denso, como sempre, erguendo-se muito acima da casa. Aqui e ali, existem pequenos vales onde carvalhos e bétulas terão deixado cair as folhas, mas a maior parte das copas é compacta, com agulhas endurecidas pelo gelo. Só a antena do rádio passa acima delas, inútil agora que o sinal se extinguiu.

Alguém grita, estrada acima, e, entre as árvores, o Turno do Barco volta para casa. São poucas as que conseguem fazer a viagem, atravessando a ilha até onde a Marinha entrega rações e roupa, no cais a que os barcos costumavam chegar e de onde costumavam partir. As restantes ficam atrás da cerca, sempre a rezar para que as outras consigam voltar para casa a salvo.

A mais alta, a professora Welch, para no portão e ocupa-se com a fechadura até este se abrir finalmente e o Turno do Barco entrar, cambaleante, com bochechas coradas pelo frio. Regressaram as três, igualmente curvadas sob o peso das latas, das carnes e dos cubos de açúcar. A professora Welch vira-se para fechar o portão depois de passarem. Pouco mais de cinco anos mais velha do que a mais velha de nós, é a mais nova das professoras. Antes daquilo, dormia no nosso corredor e fechava os olhos quando alguém faltava ao recolher. Agora, conta-nos todas as manhãs para assegurar que ninguém morreu durante a noite.



Acena, como sinal de que tudo está bem, e a Byatt retribui o gesto. Vigio o portão enquanto a Byatt vigia a estrada. Por vezes trocamos, mas o meu olho direito não vê bem ao longe, pelo que nunca dura muito. Seja como for, não deixo de ser melhor atiradora do que metade das raparigas que poderiam substituir-me.

A última rapariga do Barco sobe ao alpendre e desaparece de vista. Assim termina o nosso turno, não sem antes descarregarmos as espingardas, enfiarmos as balas na caixa para a próxima rapariga e guardarmos uma no bolso, por precaução.

O telhado inclina-se subtilmente desde o topo plano, do terceiro andar até ao segundo. Daí, penduramo-nos e entramos na casa pela janela aberta. Era mais difícil de fazer com as saias e meias que costumávamos usar, sobretudo se ouvíssemos aquela vozinha irritante dentro de nós sempre a dizer-nos que mantivéssemos os joelhos juntos. Passou muito tempo. Agora, com as nossas calças de ganga esfarrapadas, a questão já nem se põe.

A Byatt entra depois de mim, deixando mais um par de marcas no parapeito. Atira a cortina de cabelo para trás do ombro. É todo liso, como o meu, e de um castanho brilhante e vivo. Está impecavelmente limpo: mesmo que não haja pão, há sempre champô.

— Que viste? — pergunta-me.

Encolho os ombros.

— Nada.

O pequeno-almoço não foi grande coisa e sinto o tremor da fome nos membros. Sei que a Byatt sente o mesmo e não demoramos a descer para almoçar no piso principal, no salão



de tetos altos com as suas mesas inclinadas e riscadas. Temos também uma lareira e sofás de costas altas com o estofado arancado, que costumamos usar para queimar como fonte de calor. No meio de toda esta tralha, estamos nós, confiantes, vivas e a cantarolar.



Havia umas 100 raparigas e 20 professoras quando tudo começou. Todas juntas, enchíamos as duas alas da velha casa. Hoje, precisamos só de uma.

As raparigas do Barco irromperam pelas portas principais, deixando cair os sacos e provocando uma corrida para a comida. Enviam-nos sobretudo latas e, às vezes, embalagens de carne seca. Raramente havia alguma coisa fresca (mesmo que houvesse, nunca seria em quantidade suficiente para todas). Num dia comum, as refeições limitavam-se à professora Welch na cozinha, destrancando o armário e distribuindo as rações mais pequenas que já se viu. Mas hoje é dia de entrega, com mantimentos trazidos às costas das raparigas do Turno do Barco, e isso significa que a professora Welch e a Reitora mantêm as mãos limpas de qualquer responsabilidade e nos deixam lutar por uma coisa para cada uma.

Contudo, eu e a Byatt damo-nos imediatamente conta de que, desta vez, não precisamos de lutar pela comida. A Reese está à porta, já com um saco posto de parte para nós. Se outra pessoa o fizesse, haveria protestos, mas é a Reese. Basta olharem para a sua mão prateada e coberta de escamas para se calarem.



Foi a última a adoecer. Pensei que tivesse escapado, que talvez estivesse a salvo, até começarem a aparecer as escamas, cada uma de um prateado inconstante, saindo-lhe da pele como se viessem de dentro dela. A mesma coisa tinha acontecido a uma das outras raparigas do nosso ano, que as viu alastrarem-se-lhe pelo corpo inteiro e a esfriarem-lhe o sangue até não acordar. Pensámos que a Reese estivesse condenada ao mesmo fim, por isso foi levada para cima, esperando a morte, o que não veio a acontecer. Num dia, estava enfiada na enfermaria e, no seguinte, voltou para junto de nós. A sua mão esquerda é uma coisa selvagem, mas continua a ser dela.

A Reese rasga o saco e deixa que eu e a Byatt vasculhemos o interior. Tenho o estômago a roncar e sinto água na boca. Qualquer coisa, aceito qualquer coisa. Mas calhou-nos um saco mau. Sabonetes. Fósforos. Uma caixa de canetas. Uma caixa de balas. E depois, no fundo, uma laranja... uma laranja a sério, apenas com um princípio de podridão na casca.

Disputamo-la. A mão prateada da Reese prende-me o colarinho e sinto o calor avivando-se por baixo das escamas, mas consigo derrubá-la e acabo por pressionar o joelho sobre a cara dela. Faço força e prendo o pescoço da Byatt entre o meu ombro e o antebraço. Uma delas pontapeia-me, mas não sei qual das duas. Atinge-me na nuca e tombo contra os degraus, estalando o nariz contra o vértice de um deles. A dor torna tudo branco. À nossa volta, as outras raparigas gritam, formando um círculo.

Alguém me prendeu o cabelo no punho e sinto um puxão. Como resposta, torço-me o mais que consigo e mordo os



tendões salientes, fazendo-a ganir. O meu aperto afrouxa ao mesmo tempo que o dela e afastamo-nos uma da outra.

Limpo o sangue do olho. A Reese está a meio das escadas, com a laranja na mão. Venceu.





NOMEADO
Prémio Goodreads

*
O Livro Mais
Surpreendente
do Ano



Começou devagar e sem aviso.

Primeiro, morreram as professoras.


Depois, as alunas foram infetadas
e os seus **corpos mutilados** pela doença.

Disseram-lhes para aguardarem,
em **isolamento e à mercê da epidemia**,
até que uma cura fosse encontrada.

**É ASSIM QUE, DESDE ENTÃO,
TRÊS AMIGAS, HETTY, BYATT E REESE,
SOBREVIVEM.**



Mas um dia, **Byatt desaparece sem rasto.**
Hetty, desesperada, faz tudo para a encontrar,
inclusive quebrar a quarentena.



**MAS HÁ OUTRA RAZÃO
SINISTRA PARA ESTAREM ALI
HÁ TANTO TEMPO FECHADAS.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
#seekthebutterfly

ISBN 9789897879845



9 789897 879845 >

